

O Mundial Amador de Surfe em *Surfing* (1978-1982)¹

Rafael FORTES²

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

No cenário esportivo internacional, ao final da década de 1970 a África do Sul encontrava-se afastada da maioria das competições, como resultado de um boicote estabelecido por governos nacionais e entidades esportivas, e que atingiria o auge durante os anos 1980. O país fora expulso do Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1970, tendo feito sua última participação em Jogos Olímpicos em 1960 (BOOTH, 1998). O primeiro objetivo deste artigo é traçar um panorama da cobertura dos campeonatos mundiais amadores na revista *Surfing* entre 1978 e 1982. O segundo é analisar a cobertura da participação da África do Sul em 1978 e da não participação entre 1980 e 1982. O foco no âmbito amador se explica pela escassez de investigações a respeito.

Palavras-chave: surfe; Campeonato Mundial Amador; esporte; mídia; revista.

Introdução

Em 1978, a cidade de East London, na África do Sul, recebeu o Campeonato Mundial de Surfe Amador. A trajetória até a realização do evento foi difícil: não houvera um campeonato do gênero desde 1972 e a entidade responsável pelos anteriores, a International Surfing Federation (ISF), deixara de atuar.³ A retomada dos campeonatos mundiais contou com a participação ativa de Basil Lomborg, um dirigente sul-africano que liderou o movimento de criação de um novo órgão para supervisionar o surfe amador internacional, agregando as confederações nacionais, e organizar a competição.⁴ Exceto pelo boicote da seleção australiana, o campeonato foi realizado aparentemente sem problemas.

No cenário esportivo internacional, ao final da década de 1970 a África do Sul

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O trabalho foi realizado com apoio da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. O artigo é um excerto preliminar para debate de um trabalho inédito. Favor não citar.

² Professor do Departamento de Ciências Sociais e coordenador do Laboratório de Comunicação e História (Lachi – www.lachi.com.br). Jovem Cientista do Nosso Estado (2015-2017) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Atua no corpo permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, email: raffortes@hotmail.com.

³ Desconheço a existência de trabalhos que descrevam e analisem o ocaso da ISF. Warshaw credits a desestruturação da ISF após o campeonato de 1972 a um conjunto de fatores, entre eles a falta de prêmios em dinheiro e o desinteresse pelo evento. INTERNATIONAL Surfing Federation (ISF). In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 291-2.

⁴ HOLMES, Paul. World Contest. *Surfing*, v. 17, n. 3, mar. 1981, p. 62.

encontrava-se afastada da maioria das competições, como resultado de um boicote⁵ estabelecido por governos nacionais e entidades esportivas, e que atingiria o auge durante os anos 1980. O país fora expulso do Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1970, tendo feito sua última participação em Jogos Olímpicos em 1960 (BOOTH, 1998).

Este trabalho integra uma pesquisa cujo objetivo é analisar as representações construídas em revistas de surfe dos EUA em torno da relação entre a modalidade e o boicote esportivo à África do Sul. Parte-se da premissa de que o surfe ocupou um espaço bastante peculiar em relação ao boicote internacional, pois, entre a criação do Circuito Mundial profissional, em 1976, e a suspensão do boicote pela maioria das entidades esportivas internacionais, em 1991, em todos os anos houve participação de atletas sul-africanos e ao menos uma etapa no país.

O foco deste artigo no âmbito amador se explica pela escassez de investigações a respeito. Mesmo nas raros trabalhos que abordam o surfe e o boicote esportivo ao país, pouca (THOMPSON, 2015) ou pouquíssima (LADERMAN, 2014) ênfase é dada ao surfe amador e aos campeonatos mundiais da categoria.

O primeiro objetivo deste artigo é traçar um panorama da cobertura dos campeonatos mundiais amadores na revista *Surfing* entre 1978 e 1982. O segundo é analisar a cobertura da participação da África do Sul em 1978 e da não participação entre 1980 e 1982.

* * *

Criada em 1964 com o título *International Surfing*, *Surfing* “emergiu de um monte de revistas de surfe sediadas no Sul da Califórnia no início e meados dos anos 1960” para tornar-se, na década seguinte, uma das duas – sendo *Surfer* a outra – que dominaram o mercado nos EUA entre aquele período e o presente. Começou como bimestral e mudou algumas vezes de perfil, de proprietário e de sede ao longo dos anos 1960 e 1970. Passaram por ela cronistas (como Drew Kampion e Nick Carroll) e fotógrafos (como Don James e Dan Merkel) que se tornariam referências na subcultura do surfe.⁶ Contava com textos, colunas e reportagens escritos por surfistas profissionais, alguns dos quais, como Peter

⁵ Por “boicote”, refiro-me a um conjunto de medidas, que incluem pressões pela não participação de atletas e equipes da África do Sul em competições no exterior e/ou pela não realização de eventos no país. Em muitos casos, tais pressões incluíam ameaças de não comparecimento de países ou blocos de países caso um determinado evento tivesse participação de delegação representando a África do Sul.

⁶ SURFING Magazine. *Encyclopedia of Surfing*. Disponível em: <<http://encyclopediaofsurfing.com/entries/surfing-magazine>>. Acesso em 26 jun. 2016.

Townend e o sul-africano Michael Tomson, passaram a integrar o expediente. Seu foco principal eram as competições profissionais:⁷ apresentava a si mesma como “a melhor em cobertura séria de campeonatos profissionais” e “a fonte confiável sobre o que está acontecendo no dinâmico mundo do surfe profissional”.⁸

Não obstante, em outubro de 1980, a publicação afirmava um compromisso com o surfe amador:

1964 foi um ano brilhante para o mundo do surfe. Aquele ano testemunhou não apenas a primeira edição da revista *Surfing*, mas o Campeonato Mundial de Surfe Amador também foi realizado pela primeira vez.

A revista *Surfing* tem sido uma defensora do surfe amador desde o início, e este ano não será diferente, quando o 8º. Campeonato Mundial de Surfe começar (...).⁹

De fato, ela dedica espaço à categoria: regularmente perfila jovens surfistas e publica o resultado de competições. Mas, no que diz respeito às fotos, elemento mais valorizado das revistas de surfe, relativamente poucas são de surfistas amadores (e na faixa etária que predomina nas competições da categoria: abaixo de 20 anos). Independentemente do espaço dedicado aos competidores não profissionais, a valorização do evento em questão aparece em diversos momentos, como neste editorial de 1988: “(...) o Campeonato Mundial bianual de surfe amador sempre foi considerado um dos eventos mais espetaculares do esporte”.¹⁰

O Campeonato Mundial de Surfe foi um evento “(...) realizado em diferentes locais ao redor do mundo entre 1964 e 1994 (...)”.¹¹ Entre 1964 e 1972, ele era o mais importante do esporte, foi organizado pela ISF¹² e admitia a participação de profissionais.¹³ Após um hiato durante os anos 1970, uma nova entidade, a “(...) International Surfing Association (ISA) foi formada em 1976, ocupando o lugar da ISF, para prover um estrutura mais ou menos consistente de Campeonatos Mundiais”.¹⁴ Ainda de acordo com a *Enciclopédia do*

⁷ SURFING Magazine. *Encyclopedia of Surfing*. Disponível em: <<http://encyclopediaofsurfing.com/entries/surfing-magazine>>. Acesso em 26 jun. 2016.

⁸ *Surfing*, v. 18, n. 5, mai. 1982, p. 12.

⁹ AT Random. *Surfing*, v. 16, n. 10, out. 1980, p. 27.

¹⁰ VARNES, Mitch. Editorial. *Surfing*, v. 24, n. 4, abr. 1988, p. 48.

¹¹ WORLD Surfing Championships. In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 710-11.

¹² Exceto pelo de 1964. WORLD Surfing Championships. In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 710-11.

¹³ O conceito de *profissional* é tão importante quanto pouco discutido e problematizado nos estudos do esporte no Brasil (à exceção de alguns trabalhos sobre futebol nas quatro primeiras décadas do século XX). Refiro-me aqui à participação de surfistas que recebiam prêmios em dinheiro em outros campeonatos e/ou contavam com alguma forma de patrocínio ou ajuda financeira. O Campeonato Mundial não distribuía prêmios em dinheiro, mas medalhas e troféus.

¹⁴ INTERNATIONAL Surfing Federation (ISF). In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 291-2.

Surfe, ele “foi oficialmente denominado Campeonato Mundial de Surfe Amador entre 1978 e 1994, para deixar clara a distinção em relação ao circuito mundial profissional fundado em 1976.”¹⁵ Retomado com um evento de pequena escala em 1978, “o campeonato cresceu nos anos que se seguiriam, e em 1988, os surfistas competiram nas divisões masculina, masculina júnior, feminina, longboard, bodyboard e kneeboard, assim como na pontuação geral por equipes”.¹⁶

O Campeonato Mundial Amador busca se aproximar dos eventos olímpicos. Há cerimônias de abertura e de encerramento, nas quais as delegações desfilam com um atleta à frente carregando a bandeira do país. O certame fez parte dos esforços da ISA para exibir um esporte presente em numerosos países de diferentes continentes – tarefa complicada, considerando-se a pouca ou nenhuma penetração, durante o século XX, na maioria dos países da África, Ásia e Europa. “A ISA tornou-se membro da General Assembly of International Sports Federations em 1987, tornando-a um passo mais próxima da aprovação para os Jogos Olímpicos pelo Comitê Olímpico Internacional”.¹⁷ Em 1995, ela foi reconhecida pelo COI como o órgão que governa os esportes sobre ondas.¹⁸

Em revistas e filmes de surfe, assim como em livros escritos por surfistas e/ou jornalistas, são comuns referências aos vencedores até 1972 como simplesmente “campeões mundiais”, sem a distinção de *amadores* que seria adotada em 1978. Para um jornalista de *Surfing*, o evento era relevante sobretudo pela oportunidade de reunir pessoas envolvidas com o esporte em diferentes países para intercâmbio de informações – algo difícil até meados dos anos 1990, antes do advento da internet.¹⁹

Feita esta breve apresentação de *Surfing* e do Campeonato Mundial Amador, passo à análise da cobertura de 1978 a 1982.

Os Campeonatos Mundiais de Surfe Amador em *Surfing*

¹⁵ De acordo com Warshaw (2003), “o Campeonato Mundial de Surfe Amador foi substituído em 1996 pelos Jogos Mundiais de Surfe”. WORLD Surfing Championships. In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 710-11.

¹⁶ WORLD Surfing Championships. In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 710-11.

¹⁷ International Surfing Association (ISA). In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 291.

¹⁸ 50th Anniversary ISA History. *ISASurf.org*, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.isasurf.org/isa-info/history-of-the-isa>>. Acesso em: 28 jun. 2016. Em 1988, uma nota afirmava que “(...) o esporte (...) tem uma grande chance de fazer parte da Olimpíada de 1996”. VARNES, Mitch. Puerto Rican to Head ISA. *Surfing*, v. 24, n. 7, jul. 1988, p. 85. No momento em que escrevo (julho de 2016), o surfe e o skate estão entre as modalidades que podem ser incluídas pelo COI nos Jogos Olímpicos de 2020, agendados para Tóquio. A previsão é que a decisão seja anunciada ainda este ano.

¹⁹ HOLMES, Paul. World Contest. *Surfing*, v. 17, n. 3, mar. 1981, p. 62.

Conforme apontado no parágrafo inicial, Basil Lomborg, presidente da South African Surfriders' Association (SASA), foi um importante articulador para a fundação da ISA e a retomada dos mundiais amadores (THOMPSON, 2015, p. 110). Isto constitui uma das evidências do quanto o surfe competitivo estava distante da posição majoritária das entidades esportivas face ao boicote ao país. Enquanto em outras modalidades as confederações sul-africanas e seus representantes estavam banidos, suspensos ou haviam sido expulsos, no surfe não apenas o campeonato seria realizado no país, mas também é o presidente da SASA que articula a criação da entidade e é eleito presidente, ocupando o cargo por quatro anos (1976-1980).²⁰ Durante o período, a África do Sul foi também sede da ISA, obedecendo a determinação de que “o escritório-sede da organização ficaria localizado no país de quem estivesse cumprindo o mandato de presidente da ISA”.²¹

Na edição de outubro de 1978, uma nota afirmava que “haverá ao menos cinco países representados no” 7º. Campeonato Mundial de Surfe Amador, previsto para ocorrer entre 3 e 24 de julho em Nahoon Reef (África do Sul) e parabenizava os escolhidos para representar os EUA.²² Diferentes fontes apontam as limitações da competição de 1978. De acordo com a *Enciclopédia do Surfe*, “seis países competiram num Campeonato Mundial de Surfe pequeno e com duração de um dia”.²³ O preço alto das passagens aéreas desde diversos países²⁴ até a África do Sul e o próprio fato de o país ser a sede (considerando-se as articulações internacionais antiapartheid) provavelmente dificultaram o comparecimento de atletas e seleções. Contudo, desconheço fontes ou pesquisas a respeito. Do ponto de vista organizativo, refundou-se praticamente do zero uma federação internacional num momento tumultuado do cenário do surfe profissional, em que o iniciante circuito da IPS enfrentava resistências e divergências (BOOTH, 2001, p. 127-132). Houve uma preocupação com relação a como reagiriam os envolvidos com o profissionalismo. De acordo com texto

²⁰ International Surfing Association (ISA). In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 291.

²¹ Desconheço fontes ou pesquisas que expliquem tal medida. Considero que, dada a escassez de recursos, a saída mais prática (e talvez a única viável) fosse um rodízio entre as federações, com o presidente e a entidade local (nacional) acumulando a infraestrutura, as tarefas e os custos de manter a ISA em funcionamento. Trata-se de uma questão a investigar. International Surfing Association (ISA). In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 291.

²² *Surfing*, v. 14, n. 5, out.-nov. 1978, p. 34. Durante a maior parte dos anos 1970, *Surfing* foi bimestral. Coloquei sempre a referência completa – meses e ano(s) do bimestre – nas notas de rodapé. No corpo do texto, por uma questão de fluência, optei por mencionar apenas um mês, sempre o primeiro do bimestre. Quando se tratava de edição de dezembro de um ano e janeiro do ano seguinte, a referência será a dezembro. Quanto ao período propriamente dito de circulação, é difícil sabê-lo com precisão para cada edição. Parece-me que cada edição chegava às bancas aproximadamente no início do bimestre anterior ao da data que aparecia no expediente. Por exemplo, anunciou-se que a edição de outubro-novembro de 1976 estaria “à venda em 3 de agosto”. *Surfing*, v. 12, n. 4, ago.-set. 1976, p. 118.

²³ International Surfing Association (ISA). In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 291.

²⁴ Como se verá adiante, à época as principais seleções eram Austrália, Estados Unidos e Havaí – todos situados a milhares de quilômetros da África do Sul.

escrito por um dos principais dirigentes da IPS, um ponto de pauta da primeira assembleia da entidade era “distinguir e separar profissionais e amadores”, sendo que os últimos poderiam “competir no 7º. Campeonato Mundial de Surfe Amador, reconhecido pela ISA, previsto para a África do Sul”.²⁵ A matéria acrescentava que “o diretor executivo da IPS, Sr. Fred Hemmings, disse: ‘O conselho diretor da IPS está comprometido com o reconhecimento de uma associação amadora forte. Apoiamos 100% a recém-formada ISA’.”²⁶

Pelo que se pode perceber, os dirigentes da ISA consultaram os da IPS, com, ao menos, dois propósitos: estabelecer critérios que separassem os dois âmbitos do esporte; e obter apoio dos organizadores do circuito profissional, que naquele momento ganhava força e visibilidade. Os avanços dos meses anteriores e as perspectivas para 1977 produziram um prognóstico otimista:

Com o surfe profissional entrando o circuito de 1977 com premiação muito superior a US\$ 100.000 e os amadores vislumbrando o prestígio do Campeonato Mundial, o surfe está se movendo adiante num ritmo impressionante. O público em geral agora pode atribuir ao surfista profissional a aclamação merecida por qualquer esportista com similar status.²⁷

Durante o período de pesquisa pós-doutoral na Califórnia, entrei em contato com a ISA, interessado em documentos (como atas e minutas de reuniões; e cartas trocadas com federações) que tratassem da discussão em torno do boicote e da participação da SASA e/ou de equipes e atletas representando-a. Afirmei que a África do Sul não competiria no período indicado devido ao boicote, e que estava interessado em fontes relativas às disputas e negociações que levaram à decisão final em cada Mundial. Eis a resposta: “Com base nas informações que tenho, não posso passar à conclusão de que a África do Sul não competiu devido ao apartheid. Muitos países não conseguem enviar uma equipe porque simplesmente não há recursos. Infelizmente, de fato não há quaisquer documentos para sustentar ou negar tais alegações.”²⁸

A cobertura do Mundial de 1978 restringiu-se a um terço de página, dentro de uma seção de assuntos diversos. Sob o título “Campeonato Mundial Relançado”, abordou o desempenho de alguns atletas, a realização de um campeonato júnior à parte e os resultados

²⁵ RARICK, Randy. IPS REPORT. *Surfing*, v. 13, n. 3, jun.-jul. 1977, p. 21.

²⁶ RARICK, Randy. IPS REPORT. *Surfing*, v. 13, n. 3, jun.-jul. 1977, p. 21.

²⁷ RARICK, Randy. IPS REPORT. *Surfing*, v. 13, n. 3, jun.-jul. 1977, p. 21.

²⁸ Emails trocados entre 16/5/2016 e 18/5/2016 com Evan Quarnstrom, coordenador de Mídia e Marketing da ISA, a quem agradeço pelas informações.

de ambos. Informou que o vencedor individual fora um sul-africano, mas não que o país também conquistara o título por equipes. Segundo o texto, havia “representantes de todas as grandes nações do surfe (exceto a Austrália, que retirou-se devido a considerações políticas)”.²⁹ Além do país-sede, identifiquei a participação de EUA, Porto Rico e França.³⁰

Por um lado, menciona-se a ausência australiana, ainda que sem especificar o motivo ou mencionar as palavras boicote e apartheid. Por outro, a afirmação de que fora a única equipe forte a não comparecer pode sugerir que o campeonato contara com contendores de qualidade e representativos, sendo, portanto, relevante. De qualquer forma, o foco do curto texto encontra-se no âmbito competitivo; a política aparece de passagem, para justificar uma ausência notável. A visão que predomina é a do campo esportivo como algo distinto e separado do campo político.

As avaliações *a posteriori* sobre o certame variam. A *Encyclopedia of Surfing* afirma que ele “praticamente não foi notado: apenas 48 surfistas de seis países competiram num (...) campeonato de um único dia e exclusivamente masculino, e as políticas de apartheid evitaram que a Austrália mandasse uma equipe.”³¹ Thompson (2015) afirma que a equipe australiana boicotou o evento devido ao apartheid, mas apresenta uma avaliação distinta: “embora o Campeonato Mundial de 1978 tenha sido a última competição internacional organizada pela ISA em que os sul-africanos participaram até 1994, o governo da África do Sul usou este evento para ilustrar a competitividade esportiva internacional” do país (p. 111). Prossegue ele:

Após o Campeonato Mundial de 1978, em 1979 o Departamento [de Esporte] conferiu outros prêmios para o surfe sul-africano: a State President’s Sport Award de 1978 para Anthony Brodowicz por “surf-riding” e Basil Lomborg, presidente da SASA, recebeu o South African Sports Merits Awards de 1979, um prêmio para dirigentes esportivos (THOMPSON, 2015, p. 112).

Os premiados eram, respectivamente, o vencedor e o organizador do Campeonato Mundial. O órgão estatal já concedera prêmios ao surfista profissional Shaun Tomson. Segundo o ex-campeão mundial, “na África do Sul, nós sempre fomos considerados atletas profissionais, por sorte evitando os estereótipos que cercam os surfistas aqui nos Estados Unidos” (TOMSON e MOSER, 2006, p. 13). Certamente o apoio estatal integrava e

²⁹ *Surfing*, v. 14, n. 6, dez. 1978-jan. 1979, p. 31.

³⁰ A menção à presença de “todas as grandes nações” indica que o Havai também participou.

³¹ WORLD Surfing Championships. In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p.

710-11. A cobertura de *Surfing* afirma que o Campeonato Júnior foi realizado em um dia, o que sugere que o Campeonato Mundial durou mais do que isso.

impulsionava tal reconhecimento. De acordo com Thompson (2015), os relatórios anuais do Departamento de Esporte citavam o surfe como um exemplo de que havia amigos internacionais da África do Sul e de que o país tinha bom desempenho esportivo (p. 112). Ou seja, o surfe era usado em documentos estatais como instrumento para minimizar tanto o boicote como os efeitos dele – um dos muitos exemplos de uso explícito do esporte para fins políticos, e também das relações bastante próximas entre os campos. O campeonato de 1978 foi mobilizado politicamente pelo governo sul-africano: os investimentos estatais no surfe faziam parte de um projeto político; contudo, tal relação e o impulso e legitimidade que ela dava à modalidade no país não são considerados por *Surfing* uma intromissão da política do esporte. Embora, como discuto a seguir, a realização do campeonato se deva em grande parte à iniciativa pessoal de um dirigente esportivo, realizou-se um evento esportivo denominado “mundial” no país, em meados de 1978, quando o boicote esportivo já se encontrava bastante disseminado, e *Surfing* não considerou isto um fato político.

Um dos aspectos que dão relevância às coberturas dos campeonatos mundiais amadores é que elas são um dos raros momentos em que o papel de dirigentes sul-africanos no comando e articulação do surfe internacional aparece. A principal ocasião se deu em 1980, após a morte recente de Basil Lomborg:

O beijo da vida que ressuscitou o Campeonato Mundial em 1978 foi, em grande medida, resultado dos esforços e da visão de um homem – Basil Lomborg, da África do Sul – que dedicou imensas quantidades de tempo e despesas pessoais para reagrupar as entidades organizadoras nacionais que, no passado, haviam formado a Federação Internacional de Surfe (ISF). O novo órgão organizador, a Associação Internacional de Surfe (ISA), tinha o propósito expresso de fornecer aos surfistas amadores uma meta suprema: o título do Campeonato Mundial.³²

Basil Lomborg morreu súbita e inesperadamente ano passado, e seu falecimento foi um golpe sério e triste para o órgão amador mundial que ele apoiou e cultivou com tanto entusiasmo. Não obstante, seu trabalho estabeleceu as fundações para a continuação do Campeonato Mundial. E eis que o Campeonato Mundial foi realizado na França este ano, sob a direção da Federação Francesa de Surfe.³³

Destaco três pontos desta citação. Primeiro, embora o texto não informe, como já dito, não houve Mundial após 1972. De acordo com o jornalista, o empenho pessoal do dirigente foi fundamental para que se organizasse uma nova entidade para governar o esporte amador. As responsabilidades assumidas pelo dirigente certamente ajudam a

³² HOLMES, Paul. World Contest. *Surfing*, v. 17, n. 3, mar. 1981, p. 62.

³³ HOLMES, Paul. World Contest. *Surfing*, v. 17, n. 3, mar. 1981, p. 62.

explicar que o campeonato de 1978 tenha sido realizado justamente na África do Sul. Segundo, o tom elogioso que é comum encontrar na imprensa – não só esportiva – quando alguma figura ou liderança pública morre. Terceiro, a construção textual que apresenta a competição de 1980, objeto da reportagem, como um desenvolvimento direto ulterior do trabalho de Lomborg. O recurso permite fazer tanto uma homenagem ao dirigente como uma breve contextualização da retomada do evento, algo recente e cuja viabilidade de repetição em intervalos regulares ainda era incerta.

A matéria prossegue falando do campeonato em si:

Embora o evento tenha se beneficiado de boas ondas durante a maior parte, se realizado num ambiente de surfe magnífico (na melhor época do ano) e produzido um campeão mundial após uma sequência de etapas com julgamento adequado, não se pode dizer que o campeonato correu sem sua cota de controvérsia e problemas.³⁴

Sobre “controvérsia e problemas”, o trecho, os dois parágrafos seguintes e aquele que encerra a reportagem usam termos genéricos (“fraquezas”,³⁵ “incongruências organizativas”,³⁶ e “falhas”³⁷), sem deixar claro que problemas exatamente ocorreram e quem foi afetado por eles. O texto faz questão de explicitar que o julgamento fora bem feito durante a maior parte do tempo, o que é significativo, pois eram relativamente comuns, à época, as reclamações (de surfistas, mas também de dirigentes, técnicos, patrocinadores, empresários etc.) quanto aos resultados das baterias, no surfe amador e no profissional. Uma série de fatores – que não cabe explorar aqui – provocavam tal situação.

Estariam as “controvérsias” relacionadas à África do Sul? É difícil saber. O país sediara o evento anterior e conquistara o título. Ou seja, a campeã estava impossibilitada de defender o título, o Mundial se realizava sem a presença de um país importante, e pouco após a morte de um dirigente que fora crucial para reativar o campeonato. É imediatamente após destacar o papel de Lomborg que o texto fala em “controvérsia e problemas”, sem explicitar do que se trata. Apenas uma análise das rotinas produtivas poderia dizer se tal vaguidade resulta do que foi escrito pelo repórter e/ou do processo de edição, bem como dos motivos para tal.

Antecedendo cada Mundial, houve debates, controvérsias e ameaças nas negociações entre as associações nacionais no que diz respeito à participação de algumas

³⁴ HOLMES, Paul. World Contest. *Surfing*, v. 17, n. 3, mar. 1981, p. 62.

³⁵ HOLMES, Paul. World Contest. *Surfing*, v. 17, n. 3, mar. 1981, p. 63.

³⁶ HOLMES, Paul. World Contest. *Surfing*, v. 17, n. 3, mar. 1981, p. 63.

³⁷ HOLMES, Paul. World Contest. *Surfing*, v. 17, n. 3, mar. 1981, p. 64.

delas, em função da perspectiva de haver ou não presença sul-africana. Aliás, tais negociações e escaramuças antecederam grande parte dos eventos que acabaram excluindo a participação sul-africana, o que mostra que o boicote esteve longe de ser consensual e estável entre os governos nacionais e, mais ainda, entre os dirigentes esportivos. Pesquisas como as de Nauright (1997) e Booth (1998) incluem dezenas de exemplos, em distintas modalidades.

De acordo com Thompson (2015), a federação holandesa ameaçou boicotar o evento caso a África do Sul participasse (p. 112). As congêneres da Grã-Bretanha e da Irlanda, por sua vez, asseguraram que compareceriam mesmo que seus governos nacionais, que advogavam o boicote, cortassem a verba para custear a viagem.³⁸ A federação francesa titubeou nos meses anteriores ao evento, em dúvida sobre que posição tomar. Ao final, o governo francês negou-se a emitir vistos para os atletas da África do Sul viajarem e competirem. Numa decisão que não veio das organizações do surfe, mas do Estado francês, a seleção amadora sul-africana sofria pela primeira vez os efeitos do boicote.

Ainda segundo Thompson (2015), durante o mundial, Tim Millward, então presidente da SASA, foi eleito um dos vice-presidentes da ISA, e escreveu que a associação não tinha problemas com a África do Sul – a causa da ausência fora o governo francês. Baron Stander (secretário da Natal Surfing Association), que viajou para a competição, afirmou em texto para *Zigzag* (revista de surfe sul-africana) que a ISA aprovava uma resolução determinando que, para um país sediar o Campeonato Mundial, deveria aceitar que os sul-africanos competissem.³⁹ Se não o fizesse, a sede seria trocada. *Surfing* não mencionou o assunto, assim como a ausência da equipe sul-africana – significativa, pelos motivos expostos e pela louvação de Lomborg no início da reportagem.

A cobertura do campeonato de 1982, realizado na Austrália, ocupou um terço de página, tal como a de 1978.⁴⁰ A matéria apresenta como uma preocupação “de todos” saber se os EUA manteriam o título e se Tom Curren se provaria o melhor amador do mundo – na sequência, informa que disputara as categorias Junior e Open, vencendo a última. Ela dá bastante destaque à equipe dos EUA, à qual pertencia o autor – quarto colocado na final do kneeboard –⁴¹, o que, em parte, talvez explique a ênfase na seleção do país. A perda do

³⁸ Nos resultados, *Surfing* listou apenas as três primeiras colocadas, o que não permite saber se a Holanda compareceu.

³⁹ Trata-se da única referência a tal decisão encontrada por mim até o momento. Esta evidência sugere o manancial de informações e questões que podem advir do acesso, no futuro, à documentação das federações.

⁴⁰ SHARP, Bill. Curren Wins World Title. *Surfing*, v. 18, n. 12, dez. 1982, p. 28.

⁴¹ Sharp não figurava no expediente, mas passaria a fazê-lo oito meses depois, como estagiário. Em 1985, era editor-associado, o segundo cargo na hierarquia da redação. No fim da década, tornou-se editor da revista. *Surfing*, v. 19, n. 10, out. 1983. *Surfing*, v. 21, n. 4, abr. 1985. SHARP, Bill. *Encyclopedia of Surfing*. Disponível em:

título⁴², além de reveladora da expectativa de vitória, é creditada à decisão da United States Surfing Federation (USSF) de levar dois surfistas de cada associação que a compunha, e não uma seleção com os melhores, independentemente da região de origem. O foco da maior parte do texto são as praias, as ondas e as baterias finais de cada categoria, com os respectivos resultados.

Seguindo os critérios de participação no surfe competitivo internacional, a matéria e a tabela com os resultados tratam o Havaí como uma equipe separada dos EUA. Houve por vezes intensa rivalidade entre ambas, como em 1984, quando os membros estiveram à beira de brigarem na areia durante a terceira etapa. Segundo o texto, isto se deu devido à postura dos havaianos que, já sem chances de conquistar o título por equipes, passaram a perseguir os americanos durante as baterias.⁴³ No surfe profissional, os atletas havaianos competem como tais (e não como estadunidenses). No surfe amador, a Associação de Surfe do Havaí (HSA) é uma das entidades regionais que constituem a USSF, de cujas competições os atletas participam. Contudo, quando se trata das competições internacionais sob os auspícios da ISA, o Havaí compete como equipe independente. Os campeonatos também contaram com participação de Porto Rico; “França B”;⁴⁴ “EUA Continental”, “EUA Havaí”, Taiti, Ilhas Francesas e França.⁴⁵

As cambiantes representações nacionais, que variam de acordo com a modalidade esportiva e o tipo de competição, são um tema pouco explorado nos estudos do esporte.⁴⁶ Pesquisas específicas sobre competições como o Campeonato Mundial Amador também poderiam problematizar a classificação dos esportes como “individuais” e “coletivos”, naturalizado na maioria dos trabalhos científicos. Embora se costume classificar o surfe entre os primeiros, o Campeonato é disputado por equipes, cada uma representando uma nação (aliás, o mesmo vale para competições de outras modalidades consideradas *individuais*, como a natação).

No que diz respeito à África do Sul, segundo Thompson (2015), a Australian Surfing Association (ASA), responsável pela organização, “excluiu a equipe amadora sul-

<<http://encyclopediaofsurfing.com/entries/sharp-bill>>. Acesso em 16 jun. 2016.

⁴² O texto dá a entender que a Austrália ganhou por equipes, embora não diga isso claramente. A consulta a outras fontes mostra o país-sede como campeão.

⁴³ CARTER, Chris. The 1984 World Contest. *Surfing*, v. 20, n. 11, nov. 1984, p. 72.

⁴⁴ CARTER, Chris. The 1984 World Contest. *Surfing*, v. 20, n. 11, nov. 1984, p. 72.

⁴⁵ *Surfing*, v. 26, n. 9, set. 1990, p. 126.

⁴⁶ Esporadicamente houve debate em torno do tema em *Surfing*, quase sempre através de cartas de leitores. Por exemplo: *Surfing*, v. 23, n. 4, abr. 1987, p. 24, 29. A cobertura do Mundial de 1988 referiu-se aos “havaianos, que por alguma razão ainda não consideram a si mesmos parte dos EUA”; o fato de os porto-riquenhos competirem separados dos EUA foi naturalizado (sem semelhante questionamento). VARNES, Mitch. Greatest Show on Earth. *Surfing*, v. 24, n. 7, jul. 1988, p. 203.

africana do Campeonato Mundial de Surfe 1982, realizado em Brisbane (...)” (p. 114). Uma vez mais, a não participação sul-africana foi silenciada na cobertura de *Surfing*.

Considerações finais

Este trabalho analisou a cobertura dos Campeonatos Mundiais de Surfe Amador realizados entre 1978 e 1982. Quanto ao primeiro objetivo, as coberturas enfatizam os aspectos efetivamente competitivos, como as condições do mar, o talento e o desempenho dos atletas e das equipes e o desenvolvimento das competições (quem passava de fase, quem se mostrava um potencial campeão, quais os prognósticos e chances de título individual e por equipes). Um recurso comum foi o texto começar com expectativas em relação ao desempenho da equipe norte-americana e de algum membro considerado particularmente promissor. *Surfing* circulava em dezenas de países, mas era produzida nos EUA, majoritariamente por norte-americanos (com contribuição de sul-africanos, australianos e britânicos) e para leitores norte-americanos, o que explica a atenção dispensada à equipe dos EUA.

No que diz respeito ao segundo objetivo, na maioria dos casos a ausência da África do Sul foi silenciada. As raras menções à não participação se deram quase sempre antes dos eventos. A ênfase nos aspectos competitivos e o pouco destaque dado às relações políticas prévias à realização – que, afinal, determinavam a exclusão da África do Sul – foram um traço geral da cobertura.

O foco nos aspectos estritamente ligados ao desempenho ao cobrir o Mundial aproxima a cobertura de *Surfing* daquela que o jornalismo em geral realiza ao cobrir o esporte competitivo.⁴⁷

Por hora, estou trabalhando com a hipótese geral de que a relevância da África do Sul no cenário internacional do surfe seja um fator explicativo relevante para a postura adotada pela maior parte dos agentes da modalidade, que se opuseram ao boicote. O país tinha grande peso, sob vários aspectos, alguns dos quais foram abordados neste artigo: dirigentes e entidades participavam ativamente da organização do surfe profissional e amador; atletas sul-africanos participavam de competições – alguns, como os primos Michael e Shaun Tomson, tornaram-se ídolos mundiais do esporte (ambos, aliás, contribuíam com *Surfing*, sendo que Michael trabalhou para ela revista por anos); os campeonatos lá realizados compunham parte relevante do circuito mundial profissional (em

⁴⁷ Contudo, desconheço trabalhos que privilegiam a investigação desta questão e permitam sustentar tal afirmação. Trata-se, portanto, de uma impressão.

termos de prêmios em dinheiro, pontos para o ranking e boas ondas); empresas nele sediadas patrocinavam atletas e competições; o mercado sul-africano era importante para as multinacionais do surfe; o extenso litoral constitui um manancial de boas ondas, muitas então inexploradas ou pouco exploradas; algumas destas ondas são altamente valorizadas dentro na subcultura do surfe, ao menos desde a apresentação elogiosa de Cape St. Francis como a *onda perfeita* no filme *The Endless Summer*, de Bruce Brown, na primeira metade dos anos 1960;⁴⁸ conforme sintetizou um escritor, “na África do Sul encontra-se a mais antiga e bem estabelecida cultura do surfe fora dos EUA e da Austrália.”⁴⁹ Contudo, como tal relevância se desdobra em múltiplos aspectos, e como *Surfing* raramente se posicionou de maneira explícita sobre o assunto, apenas ao final da pesquisa será possível fazer afirmações a respeito do período como um todo.

O espaço relativamente pequeno para a cobertura sistematizada do surfe amador na revista talvez seja uma das razões para haver poucas referências diretas ao *apartheid*. Pelo que sugerem os dados e a bibliografia⁵⁰ trabalhados até o momento, o boicote no surfe amador foi mais amplo do que no surfe profissional.

Por fim, o artigo aponta para um aspecto ignorado pela bibliografia que lida com o surfe e o boicote esportivo à África do Sul: o papel dos dirigentes sul-africanos nas entidades internacionais. Pelos dados analisados até o momento, parece que mesmo entre os agentes que reivindicam o boicote, não se advogou a suspensão ou expulsão de entidades e dirigentes sul-africanos dos âmbitos organizativos do surfe amador e profissional – e, caso se tenha advogado, tais caminhos não foram seguidos. O protagonismo de Basil Lomborg na criação da ISA e na reestruturação do Campeonato Mundial de Surfe Amador sugerem que, considerando as dificuldades estruturais de organização do surfe amador competitivo em escala internacional e outras características do surfe durante os anos 1970, era impensável a exclusão do país. Portanto, por hora, tais dificuldades, bem como o peso relativo da África do Sul (como já apontado) e o lugar relevante ocupado por seus dirigentes parecem ser fatores explicativos importantes para a falta de consenso em torno do boicote, ainda que, na prática, o país tenha ficado de fora dos campeonatos realizados entre 1980 e 1992.

Bibliografia

⁴⁸ South Africa. In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 553.

⁴⁹ South Africa. In: WARSHAW, Matt. *The Encyclopedia of Surfing*. Orlando: Harcourt, 2003. p. 552-4.

⁵⁰ Contudo, nenhum dos autores faz tal afirmação/comparação de forma explícita.

BOOTH, Douglas. **Australian Beach Cultures: The History of Sun, Sand and Surf.** London: Frank Cass, 2001.

BOOTH, Douglas. **The Race Game: Sport and Politics in South Africa.** London: Frank Cass, 1998.

LADERMAN, Scott. **Empire In Waves: A Political History of Surfing.** Berkeley: University of California Press, 2014.

NAURIGHT, John. **Sport, cultures and identities in South Africa.** London: Leicester University Press, 1997.

THOMPSON, Glen. **Surfing, Gender and Politics: Identity and Society in the History of South African Surfing Culture in the Twentieth-Century.** 2015. Tese (Doutorado em História) – Stellenbosch University, Stellenbosch, 2015.

TOMSON, Shaun; MOSER, Patrick. **Surfer's Code: 12 Simple Lessons for Riding Through Life.** Salt Lake City: Gibbs Smith, 2006.